



Dinâmica Espírita

ANO 1, REVISTA Nº 12, FEVEREIRO/2015

EDITORIAL

Nosso convidado deste mês é um médico espírita, que vem nos agradecer com uma aula de uso das células embrionárias, tanto do ponto de vista médico como espírita.

Plínio J. Marafon

Diretor do Centro Espirita Amor e Paz

www.ceamorepaz.org.br

ENTREVISTA

Waldec Jorge David Filho

Mestre em Medicina na área de Oncologia pela
USP, e estudante do Espiritismo
waldecjorge@uol.com.br



TRATAMENTO MÉDICO POR INFUSÃO DE CÉLULAS EMBRIONÁRIAS?

INTRODUÇÃO

As transfusões sanguíneas foram o primeiro tratamento utilizado pela Medicina envolvendo o transplante de células. Os relatos iniciais datam do início da Idade Moderna, porém o procedimento somente passou a ser realizado em larga escala a partir da Primeira Guerra Mundial. (Fazia-se necessário a reparação da perda volêmica devido aos ferimentos sofridos pelos soldados). Iniciava-se assim a era do tratamento de enfermidades com a utilização de células transplantadas.

Mais recentemente descobriu-se que células-tronco (também chamadas células progenitoras), em função de sua intensa capacidade proliferativa e formadora de tecidos, podem se prestar a reparar inúmeros tecidos lesados do corpo humano. O principal emprego destas células é no denominado transplante de medula óssea. A medula óssea é muito rica em células-tronco e pode ser danificada, por exemplo, na quimioterapia antineoplásica direcionada contra alguns tipos de câncer. Neste caso, antes de se administrar o tratamento, procede-se a coleta dessas células, as quais são devolvidas ao paciente logo após a terapêutica mieloablativa – aqui o paciente é seu próprio doador (transplante autólogo). Há situações, porém, onde a medula óssea é o órgão doente, como no caso de uma leucemia ou aplasia. Neste outro exemplo é preciso contar com a colaboração de um terceiro para a doação das células progenitoras (transplante alogênico). Atualmente, quando o paciente é seu

próprio doador, vários outros tecidos podem ser reparados pelas células tronco do adulto, como a musculatura estriada, o coração, e etc.

Enfim, admite-se que o progresso trazido pela utilização das células-tronco em Medicina é incomensurável. Em relação aos procedimentos supracitados a grande maioria das comunidades científicas ou religiosas não manifestou desgosto algum. O benefício é incontestado e não fere qualquer princípio ético ou moral. Raciocínio semelhante poderia ser feito envolvendo os transplantes de órgãos. Os transplantes de rim e fígado, por exemplo, são realizados corriqueiramente em todo o mundo, e similarmente, sem nenhum questionamento. No entanto, algumas situações exigem, para a sua reparação, células ainda mais indiferenciadas, com o são aquelas oriundas de embriões.

CÉLULAS EMBRIONÁRIAS

A principal controvérsia a respeito da utilização das células embrionárias pelas ciências médicas reside no fato de eventualmente estar cometendo-se algum crime perante aos olhos dos homens e/ou aos olhos de Deus. Para que tais células possam ser utilizadas com fins terapêuticos, é necessário sacrificar os embriões. Alguns condenam tais práticas e chegam a fazer comparações com o aborto, baseado na premissa que em ambos os casos, “vidas humanas” estariam sendo sacrificadas. Outros defendem esses procedimentos apenas em situações extremas. Enquanto médico e espiritualista, não compartilho desses pontos de vista,

embora sejam opiniões merecedoras de todo o nosso respeito.

De acordo com a legislação brasileira o assunto parece estar resolvido, uma vez que em 2004 foi aprovado o projeto de lei de Biossegurança, segundo o qual é permitido “para fins de pesquisa e terapia, a utilização de células-tronco embrionárias obtidas de embriões produzidos por fertilização in vitro e não transferidos para o útero, desde que os embriões sejam inviáveis ou estejam congelados há mais de três anos”.

Naturalmente não está em consideração o emprego de células embrionárias obtidas de embriões cuja fertilização tenha acontecido por meios naturais, e que estejam implantados no útero materno. Isto seria abominável sob todos os aspectos. Em contrapartida, para que as células embrionárias se prestem a fins terapêuticos é fundamental que a fertilização tenha sido “in vitro” e que esses embriões sejam de outra forma descartados, quando não destinados a fins científicos. A propósito da fertilização “in vitro”, trata-se de um procedimento hoje amplamente utilizado por casais inférteis. O momento da união do óvulo com o espermatozoide dá-se em laboratório e após alguns dias de vida, o embrião é transferido para o sagrado feminino. Inúmeras almas-viventes têm sido concebidas desta maneira, e certamente, é um método aprovado por todos, incluindo a Espiritualidade, pois há a perpetuação da Vida e a oportunidade para novas encarnações.

CRIME AOS OLHOS DE DEUS?

E aos olhos de Deus, como ficaria essa questão? Qualquer tentativa de definição de “crime aos olhos de Deus” iria além do escopo do presente artigo.

Assim vamos abordar o assunto tecendo comentários sobre uma eventual transgressão aos “princípios da vida”, de acordo com a doutrina espírita, e na medida do possível, em conformidade com a Ciência.

“Em contrapartida, para que as células embrionárias se prestem a fins terapêuticos é fundamental que a fertilização tenha sido “in vitro” e que esses embriões sejam de outra forma descartados, quando não destinados a fins científicos”

O Espiritismo foi codificado em meados do século XIX, como amplamente sabido de todos. Naquela época não se cogitava a fertilização “in vitro” e muito menos a utilização terapêutica de células tronco ou embrionárias. Consequentemente, o “Espírito da Verdade” não nos trouxe esclarecimentos sobre o tema, de modo que somos obrigados a interpretar as informações codificadas por Allan Kardec à luz do conhecimento atual, na tentativa de se chegar a alguma conclusão sobre a legitimidade do procedimento. Aliás, o próprio Kardec postulava que “ciência e religião deveriam caminhar lado a lado”¹.

O cerne da polêmica envolvendo o emprego das células embrionárias para

fins de pesquisa e terapia, sob o ponto de vista religioso/doutrinário (Espiritismo) reside no fato de estar esse embrião eventualmente comprometido com algum Espírito, e ter sua trajetória precocemente interrompida pelas circunstâncias.

“O Espiritismo foi codificado em meados do século XIX, como amplamente sabido de todos. Naquela época não se cogitava a fertilização “in vitro” e muito menos a utilização terapêutica de células tronco ou embrionárias”

De acordo com o “Livro dos Espíritos²” a união da alma com o corpo físico começa na concepção, mas só se completa por ocasião do nascimento (questão 344). Naturalmente que o esclarecimento foi dado levando-se em conta apenas a fecundação por meios naturais, e não a fertilização “in vitro”. Quando realizada artificialmente, parece não haver a obrigatoriedade de vinculação de um Espírito ao embrião, à semelhança do que se observa ocasionalmente. Tal inferência pode ser feita a partir das questões 356 e 136; segundo a primeira (356) “alguns há (natimortos), efetivamente, a cujos corpos nenhum Espírito esteve destinado; nada devia cumprir-se neles”. “É somente pelos seus pais que essas crianças nascem”. Neste caso, mesmo o feto não possuindo a ele

um espírito vinculado, todo o desenvolvimento intrauterino é completado, ainda que não seja possível ter aquele neonato prosseguimento. A questão 136 complementa: “A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica”. A questão 345 nos traz outro importante esclarecimento a respeito da união inicial do espírito com o corpo físico: “É definitiva a união no sentido de que outro Espírito não poderia substituir o que foi designado para aquele corpo; mas, como os laços que o prendem são muito frágeis, fáceis de romper, podem ser facilmente rompidos pela vontade do Espírito que recua ante a prova escolhida. Nesse caso a criança não vingará”.

Ora, não havendo a obrigatoriedade de vinculação de um Espírito ao embrião em formação, e considerando-se a fragilidade dos laços fluídicos iniciais, creio que a utilização das células embrionárias oriundas de uma fertilização “in vitro” para fins de pesquisa e terapia não fere nenhum princípio divino. Como mencionado anteriormente, o benefício para as ciências médicas é incomensurável, sempre no sentido de perpetuação e melhoria das condições da Vida, razões de nossas existências terrenas, ainda que tenhamos inúmeras provas a superar.

Ao analisarmos a polêmica sob outro ângulo, o que dizer dos embriões que terminam seu desenvolvimento anos após o congelamento? A literatura médica menciona um caso de nascimento de infantes originários de embriões congelados por aproximadamente 12 anos. Sobre esse tema o periódico “Visão Espírita” publicou um artigo muito interessante,

onde os autores (um dos quais um renomado físico e escritor espírita) condena tal prática³. Segundo este autor seria impossível saber quais embriões teriam espíritos ligados a eles a partir da fertilização; além disso, como uma parcela significativa de embriões morre durante o processo de congelamento e descongelamento, futuros seres humanos estariam fadados a sucumbir precocemente. Uma vez mais nos permitimos discordar, em que pese todo nosso respeito pelo autor e o citado periódico. E porquê da discordância? Inicialmente, a mensuração do tempo se processa algo diversa de como a entendemos, de modo que os supostos 12 anos de vinculação do Espírito ao embrião podem ter sido necessários para o cumprimento daquela programação de vida. Mas, talvez o mais importante, de acordo com nossa visão, seja o fato de que não necessariamente a vinculação se faz a partir do óvulo fertilizado em laboratório. Pelo exposto acima (questões do “Livro dos Espíritos”), é possível que o início da união do Espírito ao futuro ser possa dar-se a partir do momento da implantação do embrião no útero materno. Embora seja uma inferência, não cremos que haja incongruência nessa possibilidade. Há inclusive embriões para os quais nunca seria direcionado Espírito algum, como previamente mencionado. Em sendo assim, qual o problema em se iniciar os laços de união a partir da implantação do embrião no útero materno? O novo ser em formação teria praticamente o mesmo período de tempo (nove meses) para a adaptação que a transição exige. Acreditamos ainda que mesmo para os embriões possuidores de um Espírito e que não puderam prosseguir sua jornada por qualquer motivo, similar experiência não teria sido em vão. Além do mais, um

“estágio” num embrião congelado pode ser uma experiência salutar para determinados espíritos como também comenta Joanna de Ângelis em seu livro “Dias Gloriosos”^{4,5}.

“Ora, não havendo a obrigatoriedade de vinculação de um Espírito ao embrião em formação, e considerando-se a fragilidade dos laços fluídicos iniciais, creio que a utilização das células embrionárias oriundas de uma fertilização “in vitro” para fins de pesquisa e terapia não fere nenhum princípio divino”

É preciso termos em mente que existe o Ministério da Reencarnação dando o devido suporte a todos aqueles desejosos de novas experiências terrenas, e seguramente, uma atenção diferenciada está sendo destinada aos casos advindos da evolução da Ciência. Nossa intenção é fomentar a discussão em torno de tão relevante tema, antes que se possa proclamar uma opinião em nome da doutrina espírita. Todos nós ansiamos por dias em que a grande maioria das enfermidades que nos afligem esteja eficazmente combatida, e para isso a contribuição das células embrionárias terá sido fundamental.

Bibliografia

1. Eduardo Augusto Lourenço. "A religião e a Ciência: lado a lado na evolução" em "O Consolador" n 68, 2008.
2. Allan Kardec. "O Livro dos Espíritos" - tradução de J Herculano Pire. Lake – Livraria Allan Kardec Editora. 66ª Edição, 2006.
3. Alexandre Fontes da Fonseca e Álvaro Vannucci. "Embriões Congelados: Espíritos Ligados por até 12 anos". Revista Internacional de Espiritismo, 2005.
4. Divaldo P Franco por Joana de Ângelis. "Dias Gloriosos"
5. Reinaldo Macedo. "Há espírito ligado ao embrião congelado"? www.espiritismo.net/content.0.0.538.

DINÂMICA ESPÍRITA

Editor:

Plínio J. Marafon
Jornalista – MTb nº 9.727/72

Diagramação:

Denise e Fabiano Soares da Silva

**Mandem-nos artigos para publicarmos.
Opiniões sobre a revista e pedidos para
recebê-la via e-mail:
dinamica.espirita@ceamorepaz.org.br**